

ZANI, Juliana Bacan; BUENO, Luzia. O letramento na universidade e a apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de mestrado e doutorado. *Revista Intercâmbio*, v. XXXI: 55-71, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

O LETRAMENTO NA UNIVERSIDADE E A APRESENTAÇÃO ORAL DO CANDIDATO PARA QUALIFICAÇÃO OU DEFESA DE MESTRADO E DOUTORADO

Juliana Bacan ZANI
(Universidade São Francisco – USF)
zani.julianabacan@gmail.com

Luzia BUENO
(Universidade São Francisco – USF)
luzia_bueno@uol.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir o letramento na universidade e apresentar a construção de um modelo didático do gênero apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de Mestrado e Doutorado, proporcionando um melhor entendimento desse tipo de gênero textual. Nesse trabalho, tomamos por base as discussões sobre signo ideológico (Bakhtin/Volochinov, 1929/2009), letramento ideológico (Street, 1984, 2010; Kleiman, 1995), o quadro teórico-metodológico do Interacionismo sociodiscursivo, desenvolvido por Bronckart (1999, 2006, 2008), a proposta de ensino de gêneros por meio da construção de modelo didático e sequência didática de Schneuwly & Dolz (1998, 2004). Concluímos que a apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de Mestrado é muito complexa, exigindo um trabalho sistematizado para que os candidatos dominem tal gênero de forma efetiva constituindo um instrumento de ação de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Ideológico; Apresentação Oral; Modelo didático; Gêneros de textos.

ABSTRACT: The aim of this article is to discuss literacy at the university and present the construction of a didactic model of the oral presentation gender used by the candidate for qualification or defense of Master's and doctorate's degrees, so as to establish a better understanding of this type of genre. This work was based on the discussions on ideological sign (Bakhtin / Voloshinov, 1929/2009), ideological literacy (Street, 1984 2010; Kleiman, 1995), the theoretical and methodological framework of sociodiscursive Interactionism, developed by Bronckart (1999, 2006, 2008), the teaching proposal genres through the construction of a teaching model and didactic sequence Schneuwly &

Dolz (1998, 2004). We conclude that the applicant's oral presentation to qualification or Master's defense is very complex, requiring a systematic work so that the candidates can, effectively, master this genre so it can be deemed to be an instrument of language action.

KEYWORDS: Ideological Literacy; Oral Presentation; Didactic Model; Text Genres

Introdução

Nas últimas décadas, as discussões sobre o letramento vêm se tornando fortes no meio acadêmico brasileiro, principalmente nas áreas de Educação e de Linguística Aplicada, mas ainda com um olhar mais direcionado às produções e discussões sobre a escrita. Com as pesquisas, nota-se também uma ampliação da concepção de letramento, que agora aparece acompanhado de um termo definidor como letramento "acadêmico" ou "digital" ou "jurídico", etc., e da percepção da relação deste com o domínio dos gêneros textuais de cada esfera de atividade.

Com isso, as discussões começam a trazer a importância de se trabalhar com um letramento que contemple o escrito e o oral (ROJO, 2001; MARCUSCHI, 2001), já que, dependendo da esfera de atividade, as duas modalidades estarão sempre muito juntas. É o caso da esfera científica em que ler, produzir um texto escrito, apresentá-lo oralmente ou ouvir a apresentação de outro são atividades cotidianas. Todavia, são atividades que precisam ser aprendidas nesse universo acadêmico, já que os gêneros e as posturas aí implicados não são aqueles que fazem parte do dia a dia de qualquer cidadão. Devido a isso, é preciso refletir sobre como fazer com que os alunos que chegam à universidade, seja na graduação ou na pós, sejam inseridos nestas atividades, ou melhor, tenham esse letramento acadêmico necessário à sua sobrevivência nesse espaço.

Visando refletir sobre o letramento e inserir os alunos de pós-graduação em Educação em práticas de letramento acadêmico, temos nos últimos anos, oferecido a disciplina "Estudos sobre o Letramento", em um programa de Educação, de uma universidade particular do interior de São Paulo. Nesta disciplina, discutimos, pesquisamos e produzimos em conjunto, professora de pós e mestrandos ou doutorandos, os vários gêneros que fazem parte dessa esfera de atividade, com o objetivo de que esses alunos percebam a complexidade do tema e a necessidade de que a educação, mesmo no nível superior, não pode se abster de contribuir para o processo de letramento do seu corpo discente.

Neste artigo, pretendemos apresentar as reflexões e resultados de uma de nossas investigações: a apresentação oral. Em muitas universidades e em vários programas de pós-graduação, é comum solicitar ao candidato ao título de mestre ou doutor que faça uma apresentação oral de seu trabalho no início da sessão de qualificação ou defesa. Todavia, nem sempre o candidato consegue realizar uma boa apresentação, demonstrando, muitas vezes, não ter o domínio do gênero empregado e nem da ação de linguagem de que participa.

Sabemos que o gênero em discussão é complexo, híbrido, pois ele se concretiza no oral, mas há uma escrita que o sustenta, ou seja, tanto a exposição oral quanto a organização escrita fazem parte desse mesmo gênero.

Assim, este gênero, apresentação de qualificação ou defesa de Mestrado e de Doutorado, é composto por duas faces: a da oralidade e da apresentação escrita, entretanto, neste artigo, iremos destacar os estudos realizados sobre as questões da oralidade, somente no momento em que o candidato faz a sua arguição, pois o gênero também contempla a fala do professor orientador que irá fazer a abertura e o encerramento da sessão, passando a palavra ao aluno candidato e aos professores/doutores convidados a participar da banca

Neste artigo, apresentaremos inicialmente o conceito de letramento, articulando-o com os gêneros textuais, uma vez que o desenvolvimento das práticas sociais (oral ou escrita) ocorre mediado por um gênero. Em seguida, discutiremos sobre o ensino dos gêneros orais e a elaboração de um modelo didático. Logo após, abordaremos o percurso para modelizar o gênero oral apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de Mestrado e Doutorado. Por fim, apresentaremos nossas considerações.

1. Letramento e gêneros textuais

Atualmente o conceito de letramento é amplamente divulgado no Brasil, fazendo inclusive parte das prescrições oficiais para o ensino na Educação Básica, como se pode ver nos documentos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas orientações para avaliação de livros didáticos para os primeiros ciclos. Essa expansão vem como resultado de muitos estudos científicos desenvolvidos em universidades brasileiras e estrangeiras.

Nas pesquisas acadêmicas brasileiras, o conceito de letramento começou a ser utilizado nos finais da década de 1980, em trabalhos de Kato e Tfouni, conforme Kleiman (1995). O seu emprego se deve à necessidade de diferenciar, como aponta Kleiman (1995), os trabalhos sobre os impactos sociais da escrita daqueles centrados na aquisição da alfabetização enquanto uma técnica.

Em Kleiman (1995:18), encontramos o letramento definido “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Nesse sentido, o letramento precisa ser relacionado ao contexto sociohistórico em que é observado, conforme Street (1984, 2010), ou seja, cada grupo social e, acrescentamos, para cada esfera de atividade, pode ter as suas relações com a leitura e a escrita. Na igreja, na escola, na feira, em grupos sociais mais privilegiados ou de menor poder aquisitivo, há diferentes práticas de letramento ocorrendo. Logo, não existe um tipo de letramento, mas diferentes letramentos de acordo com as variadas práticas em seus contextos específicos.

Para Kleiman (1995:20):

O fenômeno do letramento [...] extrapola o mundo da escrita, tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante agência de Letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, qual seja, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabéticos, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento como a família, a igreja, a rua _ como lugar de trabalho _, mostram orientações de letramento muito diferentes.

Nem todos os estudos contemplam a diversidade de letramento; na verdade, há vários que negam essa variedade, de acordo com o modelo de letramento que defendem. Street (1984), observando vários estudos, estabeleceu uma classificação de dois modelos de letramentos que subjazem às discussões sobre esse tema: o modelo autônomo e o modelo ideológico.

Segundo Torres (2009), no modelo autônomo a escrita é vista como “um produto completo em si mesmo”, independente de um contexto social com um enunciador, um destinatário e um objetivo. Encontramos esse modelo nos trabalhos com a leitura e a escrita centrados “no ensino da estrutura do código da língua em sua materialidade física, como a decodificação em fonemas e grafemas, na adequada estruturação de textos e na correção gramatical e ortográfica, tomadas como habilidades suficientes para produzir efeitos sobre outras práticas cognitivas e sociais” (Torres, 2009, p. 20), ou seja, é o modelo preponderante na escola.

Em oposição ao autônomo, Street (1984) defende o modelo ideológico de letramento, no qual “ideológico”, segundo Torres (2009, p.22) marcaria “o lugar da tensão entre a autoridade e o poder, de um lado, e a resistência e criatividade, de outro lado” (Street, 1993:8),

levando-nos a compreender que essa tensão pode se manifestar nos diversos usos da língua, tanto na oralidade como na forma escrita”.

Assim, esse modelo pressupõe que “as práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas, e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida” (Kleiman, 1995:21).

De acordo com Torres (2009:23):

Em direção contrária às premissas do modelo autônomo, a abordagem ideológica do letramento enfatiza o desenvolvimento de um olhar mais sensível às influências dos contextos sócio-históricos nas práticas de letramento. Estas não podem ser, portanto, compreendidas como habilidades neutras, pois refletem os aspectos culturais, sociais e também os individuais que incidem, inegavelmente, nos modos particulares do uso da escrita.

Esse modelo de letramento ideológico nos permite fazer uma articulação com os trabalhos do Círculo de Bakhtin, principalmente em suas discussões a respeito da relação entre os signos e a ideologia. No letramento ideológico, percebemos o caráter sociohistórico de cada prática de letramento e admitimos que cada grupo terá a sua relação com a leitura e a escrita e, portanto, também produzirá as suas relações com os seus gêneros textuais de cada esfera de atividade. Uma mesma bula poderá ser percebida e usada de modos diferentes por um médico ou um paciente de uma classe que valorize o discurso científico e siga as recomendações de uma bula ou ainda uma pessoa que siga mais as indicações de uma benzedeira que as recomendações médicas. Em todos esses casos, os modos de perceber os signos poderão sofrer variações e serão passíveis de avaliações. Isso pode ocorrer na universidade nas situações em que se esperaria que o aluno adotasse um discurso científico na produção de um gênero acadêmico como na apresentação oral de seu trabalho, frente a uma banca de qualificação ou defesa de Mestrado ou Doutorado, entretanto, o mesmo adota o gênero conversa aliada a slides que mais dificultam do que auxiliam a compreensão de sua exposição. Certamente, a banca e mesmo o orientador não farão uma avaliação positiva de tal apresentação.

Em *Marxismo e Filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2009:31), argumenta-se que toda produção ideológica é de natureza semiótica, e que:

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.

Contudo, cada esfera de atividade elabora "seus tipos relativamente estáveis de enunciados" (BAKHTIN, 1997:279) e os indivíduos saberão lidar com os gêneros de sua esfera e seu grupo social, mas poderão ter sérias dificuldades com aqueles das esferas que não lhe são familiares. Frente a isso, a escola ou a universidade, enquanto importantes agências de letramento, acadêmico e profissional, precisam interferir nesse processo, assumindo o seu papel de levar os seus alunos a ampliarem os horizontes de seu letramento, já que dificilmente uma criança ou um jovem chegarão a essas instituições sem estarem inseridos em alguma prática de letramento.

Na escola e universidade, caberia levar os alunos a perceberem criticamente que realizando "no processo da relação social, todo signo ideológico, e, portanto também o signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados." (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2009:45). E a "classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta de índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente." (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2009:48).

Na perspectiva de um letramento ideológico, procurar-se-ia mostrar ao aluno esse jogo que a linguagem propicia, fazendo-o perceber a importância de se verificar em que esfera cada gênero circula, que classes sociais têm ligação com essa esfera, para quem se fala ao produzir determinado texto e com que objetivo ele é usado, ou não, nas várias classes sociais.

Nas discussões com os alunos, é importante fazê-los perceber que:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo na cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (...) Uma inscrição, como toda enunciação monológica, é produzida para ser compreendida, é orientada para uma leitura no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1929/2009:101)

E complementando, Bakhtin/Volochinov (1929/2009:117) nos afirma:

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o

produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

A fim de realizar um trabalho com o letramento acadêmico nessa perspectiva ideológica, adotamos a proposta didática de trabalho com gêneros textuais de Schneuwly e Dolz (2004) articulada ao modelo de análise de textos do Interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (1999, 2006, 2008).

2. O Ensino dos Gêneros Oraís e o Modelo Didático

Os gêneros textuais seja ele oral ou escrito, costumam ser entendidos como “complexos e heterogêneos [...], produtos sócio-históricos, definíveis empiricamente, além de serem instrumentos semióticos para a ação da linguagem” (SCHNEUWLY, 2004:136). Retomando a tese do ISD de que o desenvolvimento do pensamento consciente humano se dá por meio da linguagem, mais precisamente, por meio de práticas languageiras situadas e de que o ensino exerce um importante papel para o desenvolvimento humano, Schneuwly e Dolz (2004) propõem um ensino voltado a essas práticas de linguagem que se realizam em textos organizados em gêneros.

Essa proposta se centra na questão de que o ensino dessas práticas permite o desenvolvimento de capacidades de linguagem nas pessoas, ou seja, a capacidade de agir com a linguagem em diferentes práticas sociais, sendo de três tipos: *capacidade de ação* (que mobilizamos para termos ciência de qual gênero textual está em questão ou como quando conseguimos identificar em que situação de comunicação o texto foi produzido, como quem o produziu, a quem, com que objetivo, onde, em que momento e a que se refere); *capacidades discursivas* (dizem respeito ao modo como o texto foi organizado, mais especificamente à organização e à elaboração do conteúdo, ou seja, o gerenciamento da infraestrutura geral do texto); e *capacidades linguístico-discursivas* (que se referem aos recursos linguísticos utilizados adequadamente no contexto de produção de um determinado gênero).

Cristóvão e Stutz (2011) ampliaram as discussões sobre as capacidades de linguagem incluindo a capacidade de significação (que possibilita ao indivíduo construir sentido mediante representações e/ou conhecimentos sobre práticas sociais que envolvem esferas de

atividade). Entretanto, neste trabalho, nos apoiamos em Schneuwly e Dolz (2004) considerando apenas três capacidades de linguagem.

Para Bronckart (1999), apoiando-se fortemente nas discussões de Bakhtin/Volochinov (1929/ 2009), somos confrontados com um universo de textos, organizados em gêneros, que se encontram sempre em processo de modificação. Nosso contato com os gêneros textuais ao longo de nossa história faz com que tenhamos construído um conhecimento intuitivo das regras e das propriedades desses gêneros, mesmo que de forma inconsciente (MACHADO, 2009). Segundo Bronckart (2009), o texto é uma produção verbal, seja ela oral ou escrita, portanto empírica, situado num dado contexto, que apresenta formas e tamanhos diferentes, mas ao mesmo tempo é dotado de características comuns, as quais manifestam uma relação de interdependência com o contexto imediato de produção.

Dessa forma, para o ISD o ensino sistematizado de uma língua precisa focar o desenvolvimento das capacidades de linguagem, e o Modelo Didático, assim como a Sequência Didática, são instrumentos significativos para subsidiar a construção de um conhecimento que pode nos possibilitar um trabalho significativo com os gêneros em sala de aula.

O modelo didático é construído após o levantamento das características dos textos pertencentes a um determinado gênero, e é considerado como sendo a descrição das características ensináveis deste. Portanto, o modelo didático é uma das etapas importantes e necessárias para a realização da intervenção didática. Essa intervenção é a realização de um conjunto de atividades sistematicamente organizadas, em torno de um gênero textual oral ou escrito, com o objetivo de proporcionar, ao aprendiz, o desenvolvimento de capacidades para agir com e por meio da linguagem, denominada como sequência didática – SD que, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004:97), tem a finalidade de “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”.

Para o ensino dos gêneros orais, seguindo os pressupostos de Dolz e Schneuwly (2004), deve-se primeiramente construir um modelo didático de gênero, ou seja, um levantamento de suas características no nível do contexto de produção, da organização textual, da linguagem e dos meios não linguísticos. Isso deve ocorrer para que, posteriormente, possamos ensinar ao aluno em que situações poderão usar esse gênero, como estruturá-lo, qual linguagem e postura utilizar, ou seja, poderemos levá-lo a desenvolver as capacidades de linguagem e as capacidades não verbais de que ele precisará para participar plenamente das situações comunicativas, produzindo ou compreendendo esse

gênero quando for o destinatário dele. Vale ressaltar que os meios não linguísticos são recursos que fazem parte somente do discurso oral.

Ao analisar os textos de um determinado gênero, é possível apoiar-se nas contribuições do ISD de Bronckart (1999, 2006, 2008), observando alguns elementos para a identificação dos gêneros, estando eles delineados no modelo de produção de texto proposto por Bronckart (2009), e que consiste na análise: do contexto de produção e da arquitetura interna do texto composta pela infraestrutura textual (plano geral do conteúdo temático, tipos de discursos e tipos de sequência), pelos mecanismos de textualização (coesão verbal e nominal, conexão) e os mecanismos enunciativos (modalização e vozes). Contudo, em se tratando de um gênero oral, percebemos que o modelo de análise de textos proposto por Bronckart (1999, 2006, 2008) não é suficiente para analisar alguns aspectos que são característicos da linguagem oral, dessa forma, complementamos tal quadro, acrescentando, nos mecanismos de textualização, as características da análise da conversação propostos por Koch (2012) e Marcuschi (2003). Após a análise dos aspectos linguísticos acrescentamos, também ao quadro, a análise dos aspectos não verbais proposto por Dolz & Schneuwly (2004).

Assim, baseadas nesse conjunto de autores, foi possível desenvolver um modelo didático do gênero apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de Mestrado e Doutorado, levantando suas principais características, e possibilitando aos professores/doutores de cursos de Pós-Graduação Stricto Sensu, subsídios para ajudar os seus alunos a se apropriarem deste gênero.

Vejamos, na próxima seção, os caminhos percorridos para a elaboração do modelo didático desse gênero oral.

3. Procedimentos para um modelo didático de gênero

Nas sessões de qualificação ou defesa de Mestrado ou Doutorado acadêmico, nomeia-se como arguição as intervenções que o candidato ao título e que cada componente da banca fazem oralmente. O termo *Arguição*, encontrado no dicionário online, tem o significado de "Ação ou efeito de arguir, acusar, denunciar. Argumento fundamentado, ressaltando os prós e contras em uma discussão, para defender uma ideia ou provar algo. Ação de repreender, censurar e acusar algo ou alguém, exprobração. Teste, questionário ou exame oral".

Para aprofundar o termo, pesquisamos também, em vários sites de diferentes instituições de ensino, o conceito sobre o termo e quais as orientações são dadas para a arguição do candidato, no entanto, não obtivemos sucesso, pois as mesmas só dão orientações técnicas para a apresentação, como requisito obrigatório para a conclusão do curso, tempo direcionado ao candidato para sua exposição oral, tempo para

cada especialista presente na banca. Sendo assim, não encontramos nenhum direcionamento quanto à organização da arguição, bem como orientações práticas para elaboração dos slides, que fazem parte dela. E decidimos investigá-la melhor, centrando-nos na parte inicial da arguição do candidato que é a apresentação oral do seu trabalho.

Buscamos na literatura informações sobre o gênero em destaque e mais uma vez não encontramos informações precisas. Assim, decidimos investigar exemplares concretos desse gênero, mas diferentemente das dissertações e teses que encontramos nos sites ou bibliotecas das universidades, as apresentações orais geralmente não ficam registradas. Por isso, após pesquisa, selecionamos e transcrevemos quatro vídeos de arguições de diferentes instituições de ensino, e áreas do conhecimento, disponíveis no youtube, sendo: a) Vídeo 1 (2012), do Instituto de Medicina da Universidade Rio Grande do Sul; b) Vídeo 2 (2011), da Universidade Estácio – RJ; c) Vídeo 3 (2009) da Universidade Federal do Rio de Janeiro; d) Vídeo 4 (2011), sem identificação da instituição.

Os vídeos foram transcritos, seguindo as normas para transcrição, extraídos de Castilho (1989), em seguida foram analisados: a situação de produção, a infraestrutura textual (plano geral do conteúdo temático, tipos de discursos e tipos de sequência), os mecanismos de textualização (dentro dos mecanismos de textualização, analisamos também os marcadores conversacionais) e os mecanismos enunciativos; além dos aspectos não linguísticos.

Primeiramente analisamos o contexto de produção em que os textos estão inseridos e, em seguida, descrevemos a arquitetura interna dos textos, considerando que o produtor de um texto deve tomar decisões na execução da produção textual, tendo em vista o quadro contextual, ou seja, ele deverá refletir na situação de ação de linguagem em que ele está inscrito, o contexto de produção e o “assunto” - o conteúdo temático que o agente produtor quer produzir, de acordo com os parâmetros dos mundos físicos e sociossubjetivos.

Após essa primeira análise, observamos as escolhas que o produtor do texto faz em relação ao plano geral do texto, os tipos de discurso que são organizados através das sequências e/ou outros tipos de planificação.

Em se tratando da análise dos mecanismos de textualização, focamos nas conexões que desempenham um papel fundamental nos planos de textos, nas fases das sequências e nos tipos de discursos. Nos organizadores textuais propriamente ditos ordenando as partes referentes ao tempo e ao espaço (caso dos organizadores espaciais e temporais). Para a coesão nominal observamos como o produtor do texto organiza as informações novas e as já fornecidas por meio de cadeias referenciais formadas por sintagmas nominais e pronominais (BRONCKART, 2009:268).

Ainda nos mecanismos de textualização analisamos as características do texto falado, proposto por Koch (2012) e os marcadores conversacionais (MARCUSCHI, 2003).

Para o nível enunciativo do texto, analisamos as vozes que dizem respeito a: voz do autor empírico e das vozes sociais, que podem se manifestar de maneira direta ou indireta; e a modalização – que expressam comentários ou opiniões sobre o conteúdo.

Para analisar os aspectos não linguísticos, seguimos o esquema expostos por Schneuwly e Dolz (2004), sobre os meios não linguísticos, analisando: os meios paralinguísticos (boa qualidade da voz, elocução e pausas, respiração controlada, ritmo controlado); os meios cinésicos (atitudes corporais, movimentos, gestos, troca de olhares, mímicas faciais); a posição dos locutores (ocupação de lugares, espaço pessoal, distâncias, contato físico), o aspecto exterior (roupas, disfarces, penteado, óculos, limpeza); a disposição dos lugares (lugares, disposição, iluminação, disposição das cadeiras, ordem, ventilação, decoração).

Dessa forma, as nossas análises nos permitiram chegar às seguintes conclusões, que apresentamos na próxima seção.

4. Características do gênero apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de Mestrado e Doutorado

a) *Contexto de Produção* - a apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de Mestrado e Doutorado ocorre na esfera social acadêmica, em uma instituição escolar, pública ou privada, em nível de Pós-graduação *Stricto Sensu* Mestrado e Doutorado. Trata-se de uma apresentação para um pequeno grupo de acadêmicos, ou seja, professores doutores especialistas no tema apresentado pelo candidato. E o aluno/pesquisador assume o papel de cientista em formação que irá transmitir um conteúdo, no caso sua pesquisa, a destinatários especialistas, ou seja, a banca examinadora, sobre o tema a ser tratado.

b) *Infraestrutura do texto* - Para compreender o plano global da apresentação oral, recorreremos a especialistas em gêneros orais, para entender a organização que é “esperada” nesse gênero. Encontramos nela fases semelhantes à de um seminário, a qual é exposta por Dolz e Schneuwly (2004), sendo:

- *Fase de abertura* - na qual o expositor-especialista tem o primeiro contato com a banca examinadora, saúda-os, legitimando a sua fala;

- *Fase de introdução* - onde o expositor-especialista irá apresentar o título de sua pesquisa, o ponto de vista adotado e suas delimitações do assunto a ser apresentado, ou seja, momento em que expõe seus objetivos e hipóteses.
- *Fase de desenvolvimento e o encadeamento de diferentes temas* - em que consiste no encadeamento dos diferentes subtemas decorrentes do desdobramento do assunto a ser tratado. No gênero em questão inclui-se a apresentação da Fundamentação Teórica, Metodologia e Análise dos Dados.
- *Fase de conclusão* - momento em que o expositor-especialista transmite um parecer final sobre as questões tratadas na exposição, podendo ser desencadeado um problema novo ou ocorrer o início de um debate.
- *Fase de encerramento*: etapa em que o aluno expositor finaliza a exposição e agradece a atenção do auditório.

Nos tipos de discurso, as apresentações analisadas, na maioria das fases, são marcadas por um discurso interativo, onde o enunciador, na maioria dos segmentos, mostra-se implicado com relação ao ato de produção do texto, pois os organizadores linguísticos espaciais, temporais e as unidades pronominais [em negrito] remetem diretamente ao sujeito e ao espaço dessa interação ou ao momento da interação. Encontramos frases interrogativas [sublinhado] para reforçar o assunto e introduzir um novo tema. Vejamos os seguintes segmentos:

(1) A **minha** pesquisa o objetivo geral é investigar.... E os objetivos específicos? Levar junto aos docentes.....(Vídeo 2).

(2) O que vou apresentar **aqui hoje** é uma interpretação **minha** das histórias que **eu** vi. (Vídeo 4).

Em uma das fases da apresentação, mais especificamente, na fundamentação teórica, encontramos ora o discurso interativo, ora o discurso teórico onde não há nenhuma unidade linguística que se refere ao agente produtor e nenhuma unidade linguística refere-se ao espaço-tempo da produção. O segmento a seguir mostra algumas dessas características:

(3) O meu referencial teórico. Eu *trabalhei* nos seguintes conceitos... bom **com relação a modalidade** **Ou seja**, o aprendiz..... **um outro fundamento** interativo é..... e o terceiro que é..... (Vídeo 2)

Ainda dentro da infraestrutura, ao analisarmos os tipos de sequências encontramos, predominantemente, dois tipos: explicativa (apresenta na forma de sequência simples - constatação inicial, problematização, resolução e conclusão) e a esquematização (sua organização é simplesmente informativa e constitutiva de uma lógica natural - definição, enumeração, enunciado de regras, cadeia causal, etc).

c) *Mecanismos de Textualização* – Em relação aos mecanismos de coesão nominal, observamos que os turnos de fala explicitam as relações de dependências existentes entre argumentos que têm as mesmas propriedades referenciais, sendo identificados por sintagmas nominais ou por pronomes [itálico] que assumem uma função sintática determinada pelo sujeito ou objeto. O uso das elipses [negrito], também estão sempre presentes, proporcionando o texto coerente e menos repetitivo, como ilustrado no excerto a seguir:

(4) O *meu* referencial teórico... *eu* trabalhei nos seguintes conceitos a modalidade comunicacional transmissiva e interativa... cibercultura e ciberespaço... interação e interatividade.... hipertexto e complexidade... e desenho didático... e:: Ø dialoguei... com os seguintes autores... *Freire... Jesus Martin Barbero... Levy Morin Santos... Silva Tardif Vigotski*.... esses... os principais (Vídeo 2)

É também recorrente encontrarmos conectores com função de ligação (5), que juntam duas frases com sentido de adição e com sentido de oposição. Os conectores com função de ligação são os de maior predominância juntamente com os conectores com função de iniciar uma nova unidade comunicativa (6,7 e 8) e o uso de frases interrogativas para chamar a atenção dos ouvintes (9), principalmente na fase de apresentação dos objetivos e a fundamentação teórica. Nota-se o cuidado em se produzir um discurso mais formal, embora o texto seja produzido no oral, ele apresenta características mais próximas de um texto escrito. Observemos os seguintes segmentos:

- (5) [...] **e** também medir o trabalho total [...] **e** além de medir eu vou comparar. (Vídeo 1).
- (6) **Mas** a gente já tem, *então* a gente já sabe [...] *então* não é tão comum. (Vídeo 3).
- (7) **Diante desse contexto** o meu problema consiste no seguinte. [...] **Diante** do meu problema o meu objetivo é [...]. (Vídeo 1).
- (8) **Além disso**, o pânico está relacionado [...] (Vídeo 3).
- (9) E os objetivos específicos? [...] E o professor? (Vídeo 2).

Observa-se ainda o uso de marcadores conversacionais com a função de manter a sequência, conforme excerto acima (6), em itálico.

d) *Mecanismos Enunciativos* - Nesse nível, pode-se analisar a questão das modalizações, responsáveis pelas diversas avaliações do enunciador sobre um ou outro aspecto do conteúdo temático e que podem ser divididas, segundo Bronckart (2009) em lógicas, deônticas, pragmáticas e apreciativas. Nas arguições analisadas, não foram encontradas essas modalizações, sugerindo o cuidado em não fazerem juízos de valor ou atribuírem qualificações à sua pesquisa, evitando expressões vistas em apresentações tais como "fizemos uma rápida pesquisa" ou "a análise desse tema foi pouca aprofundada" que denigrem o trabalho. Já as vozes explicitam as instâncias que assumem ou se responsabilizam pelo que está sendo dito e também fazem parte dos mecanismos enunciativos. No gênero textual apresentação oral do candidato para qualificação ou defesa de Mestrado e Doutorado, a voz do autor se sobressai na maioria das fases, sendo ele quem assume o papel de textualizador, que articula os tipos de discurso, do plano geral do texto e dos mecanismos de textualização, segmento (10). Na fase da Fundamentação Teórica, Metodologia e Análise dos dados além de evidenciar a voz do autor, aparece também à voz de outros autores, segmento (11).

(10) Porém quando **eu** vou prescrever os exercícios para essa população, **eu** quero saber a intensidade desses exercícios....(Vídeo 1)

(11) **De acordo com os autores citados**[...] e nós escrevemos quem somos **de acordo com Elaine**.... (Vídeo 4)

e) *Meios não linguísticos* - Em oposição ao escrito, o oral reporta-se à linguagem falada, no entanto a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos, é preciso também destacar que existem os meios não linguísticos que estão presentes, seja ela através de mímicas faciais, olhares, gestos, tonalidade da voz (SCHNEWLY, 2004). Nas apresentações analisadas, em relação aos meios paralinguísticos notamos uma boa qualidade da voz dos locutores, apresentando um ritmo de voz e respiração controlada, com elocução e pausas, transmitindo aos ouvintes tranquilidade e segurança.

Analisando os meios cinésicos, os candidatos da arguição apresentaram gestos e movimentos comedidos, ou seja, raramente gesticulavam e andavam pela sala. Em seus olhares, demonstravam interação com todos, pois não estavam fixos somente nos professores (componentes da banca). Os candidatos, na posição de locutores se posicionaram ao lado da apresentação dos slides, não atrapalhando a visão de seus destinatários. Essa postura foi possível pela disposição dos lugares, pois pudemos perceber que os espaços destinados para as arguições estavam bem distribuídos, deixando centralizados a imagem dos slides e os equipamentos em um canto da sala, possibilitando a frente livre.

Em relação ao aspecto exterior, observamos que os candidatos para a arguição estavam com roupas discretas, de cores neutras, sem muitos acessórios e detalhes, ficando a vontade para a apresentação.

Esses resultados nos dão subsídios para discutirmos com os candidatos sobre como se organizarem para fazerem as suas apresentações orais, percebendo que estas têm um contexto de produção diferente das que eles possam ter realizado em disciplinas ou congressos. Dessa forma, levar o aluno a compreender essas características serve para desenvolver o seu letramento acadêmico.

Considerações Finais

O trabalho na perspectiva do letramento ideológico nos leva a perceber que existem vários letramentos na sociedade, coexistindo cotidianamente, e que, para sobreviver nas situações comunicativas de que tomamos parte, é preciso conhecer as diferentes relações que a escrita e o oral assumem em cada esfera de atividade. No entanto, adquirir esse conhecimento não é tarefa simples, mas pode ser possibilitado ao se assumir uma outra relação com os gêneros textuais e a formação dos alunos, seja na escola de educação básica, seja no nível superior.

Assim, a universidade precisa assumir o seu papel de agência de letramento e participar ativamente do processo de letramento acadêmico de seus alunos, seja na graduação ou na pós-graduação. Para isso, é preciso um olhar atento aos gêneros textuais produzidos nesse espaço e uma forma de fazer isso seria a elaboração de modelos didáticos, já que eles nos permitem perceber a complexidade de um gênero e o que ele demanda de conhecimento do agente produtor acerca das condições de produção, da apropriação de estruturas linguístico-discursivas, de organizadores textuais e dos aspectos não-verbais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, F. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo, Educ, 1999.
- _____. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Tradução: Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- _____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. 1ª ed. Trad. Anna Rachel Machado; Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas, Mercado de Letras, 2006.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado culto no Brasil. In CASTILHO, A. T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 249-279.
- CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; STUTZ, Lídia. Sequências didáticas: semelhanças e especificidades no contexto francófono como L1 e no contexto brasileiro como LE. In: SZUNDY, P. T. C. et al. (org). *Linguística Aplicada e sociedade: ensino e aprendizagem de línguas no contexto brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, p. 17-40, 2011.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 1986/ 2009. 144 p.
- KLEIMAN, Ângela B. (org.). *Os significados do letramento: Uma nova perspectiva social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras. 1995.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 10 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.
- MACHADO, Anna Rachel; GUIMARÃES, Ana Maria Mattos. O Interacionismo sociodiscursivo no Brasil. In: Abreu-Tardelli, Lília Santos; Cristovão, Vera Lúcia Lopes. (orgs). *O ensino e a aprendizagem dos gêneros*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ROJO, Roxane. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros Oraís e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

STREET, Brian. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge University Press. 1984.

_____. The 'academic literacies' approach to writing support in universities. In: INTERNATIONAL CONFERENCE: UNIVERSITY LITERACIES – KNOWLEDGE, WRITING, DISCIPLINES, Lille, França. *Proceedings....*2010. Disponível em: <http://evenements.univ-lille3.fr/litteraciesuniversitaires/cd/version_anglaise/3_4_0_authors_index.html>. Acesso em: 23 abr. 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1995. 103 p.

TORRES, Maria Emília Almeida da Cruz. *A leitura do professor em formação: o processo de engajamento em práticas ideológicas de letramento*. 2009. 204 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Campinas, SP: Unicamp.

Vídeos Analisados:

Vídeo 1 – Arguição de Mestrado. Instituto de Medicina da Universidade Rio Grande do Sul. Acessado em: 10/08/2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=e1-IqhTOV0>. Duração 10:54

Vídeo 2 – Arguição do Candidato: Gilberto Timotheo – Mestrado em Educação – Estácio – Universidade Estácio – RJ - vídeo enviado ao youtube em 04/05/2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vC6ofMswNZY&feature=related> – Duração: 28:06

Vídeo 3 – Arguição da Candidata: Aline Sardinha Mendes Soares de Araújo – Mestrado em Psicologia da UFRJ – vídeo enviado ao youtube em: 15/08/2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DAVgHyv8bTg&feature=related> – Duração: 09:04

Vídeo 4 - <http://www.youtube.com/watch?v=ado-guViUIQ> – Arguição da Candidata Cassia. Enviado ao youtube dia 24/02/2011. Duração: 15:08